

CÁTIA MARLENE SILVA MONTEIRO SANTOS

**O SUPERVISOR DO ESTUDANTE DE TRADUÇÃO E
INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA GESTUAL
PORTUGUESA – DA CARÊNCIA AO PERFIL DE
COMPETÊNCIAS**

Tese apresentada para obtenção do grau de Doutor em
Educação no Curso de Doutoramento em Educação conferido
pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Orientador: Professor Doutor António Luís Carvalho

Coorientador: Professora Doutora Isabel Pereira Pinto

Universidade Lusófona De Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2015

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO VI - Unidades de registo do tema ‘Planeamento da AIPP’	XXXVII
ANEXO VII - Unidades de registo do tema ‘Necessidades dos Supervisado’	XLI
ANEXO VIII - Unidades de registo do tema ‘Vivências do Supervisado’	XLIX
ANEXO IX - Unidades de registo do tema ‘O intérprete enquanto supervisor’	LI
ANEXO X - Unidades de registo do tema ‘Sugestões’	LIX
ANEXO XI - Plano de Estudos da Licenciatura em TILGP da ESE do IPS	LXIII
ANEXO XII - Plano de Estudos da Licenciatura em TILGP da ESE do IPP.....	LXVI
ANEXO XIII - Plano de Estudos da Licenciatura em LGP da ESE do IPC	LXIX
ANEXO XIV- Plano de Estudos da Licenciatura em TILGP da ESE do IPS em vigor em 2011	LXXIII
ANEXO XV - Plano de Estudos da Licenciatura em TILGP da ESE do IPP em vigor em 2011	LXXVI
ANEXO XVI Plano de Estudos da Licenciatura em LGP da ESE do IPC em vigor em 2011	LXXIX

ANEXO VI

Unidades de registo do tema ‘Planeamento da AIPP’

Quadro 18 – Unidades de registo do tema ‘Planeamento da AIPP’

Tema	Categoria	Unidades de Contexto/ Unidades de Registo
Planeamento da AIPP	Estratégia de alocação	<p><i>Tivemos que escolher a escola. Entre nós chegar a um consenso. (...) Foi nos só dito que ia ser marcada uma reunião na escola de estágio e que depois as intérpretes lá iriam falar connosco. (...) A informação que nos deram na reunião... foi só as turmas, os alunos. Deram-nos a informação das turmas, do número de alunos surdos e que iam fazer os nossos horários. (...) Deram-nos os objetivos do relatório de observação. De estágio, acho que nos vão dar agora [2º semestre]. é bom saber com o que conto! E1; Disseram-nos que íamos ficar em duplas (...) Decidimos as escolas para onde íamos. E2; Que íamos estar em duplas. Supostamente sim, mas a minha dupla não aparece há uns tempos. Tenho o privilégio de estar sozinha. (...) Que íamos ainda decidir qual a escola que íamos estagiar. (...) Número de horas que íamos cumprir. E3; Informaram-nos sim, que eram duplas. E4; Que ia ser em contexto educativo (...) Que ia ser a pares. (...) Teríamos, supostamente, um tempo para observar e depois para começar a traduzir. Um traduzia, imagine, 45 minutos, o outro par 45 minutos e assim. As informações são importantes para me preparar. E5; Enviaram para o email de turma as normas e o regulamento de estágio. Eu confesso que só li até à parte das horas, desse tipo de regulamento e não li mais, não faço ideia. (...) Ao início, era suposto irem duplas mas depois, estou com a minha colega só numa aula à terça. E6; Foi acordado e conciliado a nossa disponibilidade com o horário deles [local de estágio]. (...) foi-nos dado o horário, logo, com quem íamos trabalhar, traduzir. Temos necessidade de saber o que vamos fazer, como e quando, pois ajuda a organizar o tempo e até as ideias. E7; No primeiro semestre há um período de aproximação à prática (...) em que os estudantes têm que estar presentes 10 horas por semana nos locais de prática. Essa unidade curricular começa com 15 horas teórico-práticas, em que lhes são explicados uma série de, em princípio deverão ser explicados uma série de questões relativas à sua entrada na prática, serão trabalhados instrumentos e estratégias de observação. (...) Todas essas informações [horário, escolas, duplas, objetivos, etc.] são transmitidas atempadamente aos alunos, no princípio do ano, aquando da definição por centros de estágio. O estágio só se inicia no segundo semestre. (...) A maior parte das questões são muito pragmáticas, questões de horários, dúvidas relativamente ao preenchimento de horário. (...) Há casos um bocadinho mais complicados, problemas que tem a ver com, por exemplo, dificuldades em os alunos cumprirem os horários, e isso é uma questão que preocupa muitas escolas, porque obviamente precisam de ter um determinado número de horas nestas aulas, e se os estagiários tiverem dificuldades em cumprir levanta alguns problemas para as instituições.</i></p>

	E8.
<i>Modelo de acompanhamento</i>	<i>Nunca nos falaram se o orientador ia estar para cada uma ou não. Se íamos ter um orientador, se íamos ter dois, mas o importante e que é preciso é ter pelo menos um intérprete que nos acompanhe. E4; Falamos um pouco... um bocadinho da escola, quais seriam os métodos delas. Métodos... que iram estar presentes nas salas. (...) Que íamos ter algumas horas para observar e que já no primeiro semestre poderíamos começar a traduzir também. (...) Que iríamos começar a traduzir quando nos sentíssemos preparados. Perguntaram se achávamos que um mês para observar se chegaria ou não. E3; [no estágio] Informaram-me logo que íamos ser supervisionadas pelas quatro intérpretes que trabalham lá. É importante saber como vão funcionar as coisas para saber a quem recorreremos se precisarmos. E7; Portanto no princípio começa por observação do intérprete profissional em ação, e à medida que vão ganhando confiança e proficiência na língua gestual vão assumindo uma responsabilidade crescente. Nesse primeiro semestre também têm de entregar uma planificação daquilo que pretendem fazer no estágio, que envolve uma leitura da instituição e uma leitura do seu papel nessa instituição. (...) As questões mais pragmáticas, a duração, o que é esperado deles, o trabalho que se pretende, sim isso é com o supervisor e com a própria escola. Na primeira visita à escola é explicado como é que decorre os períodos de observação ou de estágio, o que é que é pretendido, cada fase. E8.</i>
<i>Conduta</i>	<i>Falaram-me sobre a postura que tínhamos que ter, da roupa, que devíamos ter uma boa postura porque as escolas não podiam queixar-se de nós... não podíamos ir com decotes nem nada disso. (...) Que tinha que estar bem vestida, e em relação aos brincos e ao pearcing que eu tinha que o tirar. (...) Que estavam abertos a dúvidas e a falar normalmente, mas que devíamos saber qual era o nosso lugar, e que éramos estagiários, e por isso, perceber a hierarquia. Isto ajudou-me a perceber como agir quando for intérprete. E4.</i>
<i>Competências a desenvolver</i>	<i>[informação sobre competências a desenvolver] Não. Mas dava jeito saber... até para saber o que preciso de estudar e praticar. E2; Informar diretamente não, mas supostamente temos que ter alguma evolução da parte prática. E, mas ainda não me disseram 'deves ter isto'. Gostava de saber... talvez deva perguntar?... E3; Não. Não nos disseram quais eram as competências que devíamos ter quando acabássemos o estágio. (...) Os objetivos, basicamente, não disseram assim explicitamente, mas eu acho que era para termos..., para percebermos o contexto escolar, para ficarmos com experiência, e com a pessoa surda, e desenvolvermos também a nossa língua gestual, e, pronto, para nos prepararmos porque depois iríamos trabalhar para as escolas... que é o sítio que emprega mais intérpretes. E4; É-nos dado na disciplina de tradução qual o perfil do intérprete, não do estagiário. E5; [informação sobre competências a desenvolver] Nada, não tenho</i>

		<p><i>conhecimento. Ninguém me informou. E6; Dificuldades que os alunos, que os estudantes tenham na própria função de tradução, também são muito apoiadas nas aulas de tradução e interpretação em língua gestual portuguesa V, que é concomitante com o estágio, e que eles colocam muito das suas dúvidas de tradução. Questões mais vocacionadas e mais viradas para a língua gestual são também retiradas e trabalhadas com o formador de língua gestual, língua gestual portuguesa VI. Há ainda uma unidade curricular de seminário que pretende acompanhar e em que são debatidas algumas das situações, dilemas, questões que possam surgir no estágio. E8.</i></p>
--	--	---

ANEXO VII

Unidades de registo do tema ‘Necessidades dos Supervisado’

Quadro 19 – Unidades de registo do tema ‘Necessidades do supervisionado’

Tema	Categoria	Unidades de Contexto/ Unidades de Registo
Necessidades do supervisionado	Integração na comunidade escolar	<p><i>Não houve nenhuma apresentação. (...) na primeira vez que fomos à escola, por acaso estava um grupo de surdos, nós estávamos lá... eles são curiosos, são curiosos, e foram perguntar quem nós éramos. Mas não houve integração nenhuma, não houve qualquer tipo de apresentação, não houve nada. (...) Não houve nenhum processo de integração. Chegamos à aula... ‘olá, eu sou a estagiária...’, não houve nenhuma apresentação. Nós não sabíamos quais eram as aulas em que iríamos logo traduzir, sem termos um intérprete connosco (...) [primeiro dia de estágio] eu cheguei lá e perguntei à aluna ‘não tens intérprete neste aula?’ e ela ‘sim, costume ter’, ‘estou um bocadinho mais descansada’, mas depois vi que ela não vinha e aí comecei a traduzir... (...) Há um ou outro professor, que pergunta sempre ‘então, está a correr bem o estágio? Está a gostar? O que é que acha? E1; Chegamos lá e fomos recebidos, fomos mesmo bem-vindos. Os intérpretes e a professora de educação especial foram-nos mostrar a escola toda, foram nos mostrar os alunos. (...) Não deve cingir-se só à sala. Que... porque o estagiário está na escola o dia todo, não está só dentro da sala de aula. Pelo menos tentar integrar o estudante para ele se sentir bem dentro da comunidade educativa. (...) Os próprios professores ajudam-nos. (...) [articulação] Normalmente é só com a professora de necessidades educativas especiais, porque é ela que comanda aquilo tudo. E2; Nós tivemos reunião, todos os estagiários com todas as intérpretes da escola. Explicaram-nos as dinâmicas da escola, apresentaram-nos aos formadores de língua gestual. Com os alunos disseram-nos... eles estavam à nossa espera porque acho que já sabiam que iam lá estagiárias, então estavam lá todos. (...) mas eles estão muito habituados a ter intérpretes estagiárias, portanto... estão habituados. Sim, acho que foi pacífica. E3; apresentaram cada dupla às suas turmas, para conhecermos os alunos surdos. (...) Em relação aos funcionários, provavelmente nenhum dos funcionários daquela escola sabe que nós somos estagiários. Nós próprios, quando eles nos abordam como se fossemos alunas, ou berram connosco, ou gritam connosco nós dizemos que nós somos estagiárias. E os próprios professores também, quando nós entramos na sala dos professores para ir buscar o café, ou assim, eles também não têm conhecimento que nós somos estagiárias. E4; Há professores que têm mais sensibilidade em relação à matéria que estão a dar e ao público-alvo para quem estão atuar, e vão com calma, e tentam explicar; outros professores que não... é sempre andar, o que importa é dar a matéria. A maioria dos professores tem um cuidado enorme, e vai e explica, até criamos um código juntamente com o</i></p>

		<p><i>professor. (...) é uma escola de referência, e os professores estão lá há muitos anos. Agora, é claro, há sempre uma exceção, que não se adapta tão bem, que tem mais dificuldades. (...) Nós somos chamados muitas vezes para participar em passeios. (...) A única coisa que perguntam é: ‘o que é que ele está a dizer?’, é basicamente isto. E5; Chegamos lá, deram-nos o nosso horário, e eu fui para a escola sem saber onde era a sala... cheguei, apresentei-me e o professor ficou a olhar para mim. Não fazia ideia de quem eu era, porque é que eu estava lá. (...) Acho que a nível de acompanhamento devia existir mais, pelo menos apresentação aos professores. Chegar lá ter que me apresentar, ter que procurar a sala, ter de dizer quem sou. Não ficou muito bem, até para nós. (...) Depois nós apresentamo-nos, vamos à procura da sala, temos de nos apresentar, dizer o que estamos lá a fazer, conhecer os alunos, adaptarmo-nos... assim de repente, é uma mudança radical (...) A única coisa que, algumas colegas minhas, tiveram conhecimento foi de uma festa de natal que há em todas as escolas e que foram convidadas, mas de resto... nada. (...) Mesmo a nível de preparação da matéria, de quando está a explicar procurar as melhores palavras para que eles percebam, procurar imagens para eles associarem. Eu não tenho conhecimento de química mas a maneira como ela diz... ‘ah já percebi o que a professora quer dizer’ e já lhes consigo transmitir a ideia. E6; Quando precisamos de informações de alunos vamos ter com a professora de ensino especial, vamos ter com os coordenadores dos cursos, temos também que nos saber desenrascar um bocadinho, não podemos estar à espera que nos caia em cima. E7.</i></p>
	<p><i>Material de suporte à tradução</i></p>	<p><i>Tive um professor uma vez que deu uma ficha com a matéria, porque a aula ia ser a leitura dessa ficha e eu tinha que traduzir, e teve a preocupação de me dar a ficha, para eu ter a ficha, foi só isso. Mas de resto, conteúdos programáticos... nunca me aconteceu algum professor...mas precisava para me preparar. E1; É ir ver o que estão a dar na altura. (...) Em português estão agora a dar ‘Lusíadas’, já dei ‘Lusíadas’ já tenho mais ou menos noção sobre o que é que é. E3; normalmente é assim, não nos dão nada no início da aula, para nós nos orientarmos, nem antes. (...) acabo sempre por perguntar em que ponto é que eles estão, se eles vão fazer uma ficha, se não vão fazer uma ficha, que matéria é que estão a dar. (...) E4; Livros da minha irmã. Ela o ano passado fez o nono ano e como eu estou no nono ano, vou aos livros e, ver até códigos que até possam ser criados para aquela palavrinha que não há gesto, porque às vezes são palavras extensas. E5; tenho só a química porque pedi à professora, a professora no início disponibilizou-se para me enviar os powerpoints que apresentava. (...) Tinha livros de lá em casa, do décimo, décimo primeiro e décimo segundo que abrangia essa matéria (...) Tenho uma outra professora que me dá a folha que lhes vai apresentar na aula, dá-me também a mim, para eu puder</i></p>

		<p><i>acompanhar. Tudo o resto é chegar à aula e traduzir. E6; Perguntar qual é a matéria que vai dar a seguir, para saber, para tentar estudar vocabulário, eu tenho essa iniciativa. (...) Normalmente pesquiso antes e sei o que vou dar. É importante estar preparado, pelo menos eu sinto essa necessidade de ter material que me ajude a traduzir... (...) A nossa supervisora foi nos aconselhando constantemente. (...) e fomos nos adaptando. (...) Esclareço dúvidas ou com os formadores ou com elas mesmo [supervisoras], estudando previamente. E7.</i></p>
	<p><i>Vocabulário</i></p>	<p><i>Há sempre gestos que nós não sabemos. ... de dúvida mesmo, de gestos que na altura falham, e que pronto. (...) Quando eram gestos que eu não sabia fazia a dactilologia, depois o aluno surdo dizia qual era o gesto. (...), passava muito pela dactilologia. E1; A maior dificuldade foi ver que as turmas eram muito práticas, porque são cursos profissionais e as aulas têm pouca tradução. O vocabulário. É muito técnico. A maioria é vocabulário. (...) Na escola como os cursos são os mesmos de ano para ano, já criaram alguns códigos, e nós vamos adotando os códigos naquela aula, com aqueles alunos. São códigos que são específicos para a disciplina, até são os alunos que criam para eles próprios entenderem. (...) [quando não há gesto ou não sabe] porque além de haver códigos para alguns, não há códigos para tudo. (...) Dactilologia, ou explicar o conceito E2; Se nós nos esquecermos de repente, elas fazem o gesto e nós fazemos espelho. (...) Eu fui de ciências [no secundário], não me fez muita confusão. (...) Há sempre uma palavra ou outra que nós não conhecemos. E3; Outras vezes, quando estamos a traduzir e naquele momento preciso de alguma coisa, não me está a sair, a minha colega que está a minha frente diz-me logo o gesto, e temos trabalhado assim, as duas. (...) eu por mim é que vou vendo o que é correto e o que é que não é correto fazer-se dentro da sala de aula. E4. Uma disciplina de físico-química, não há gestos para nada. E então a professora liga a máquina e começa para ali a desbobinar a matéria toda e não há gesto, temos que dar a explicação do que aquilo é, e não o gesto. Mesmo para o intérprete é muito difícil. (...) Até dos alunos, acho eu, pela experiência que eu tenho, é que para eles físico-química é assim demasiado abstrato, não há gestos, e por mais que às vezes até exista uma explicação, é preciso explicar de diferentes formas para que eles consigam perceber uma coisa que até é muito simples. (...) É bom fazer a primeira, segunda ou terceira vez [dactilologia] para que eles conheçam a palavra. (...) nós fazemos dactilologia, mas eles [alunos] nem olham. (...) depois criámos juntamente com eles um código E5; não sabia como devia fazer outros gestos. (...) a minha dor de cabeça e única é mesmo química. Não há gestos para quase nada e não são combinados, acabam por ser são combinados na altura. Era importante ter a matéria com antecedência para estudar o vocabulário e pensar e combinar os gestos novos. Primeiro soletra-se, eu faço dactilologia, a primeira, a segunda e a</i></p>

	<p><i>terceira, mas depois alguém diz, ‘olha agora fica este [gesto] para essa palavra’, até se perceber bem o conceito, depois acaba-se por se combinar um gesto. E6; Na prática há muita matéria que é dada sem... que não existe vocabulário e nós temos que conseguir dar a volta (...) é tudo muito visual, a maior parte não tem gestos, é códigos que se criam com os alunos. E7.</i></p>
Aulas teóricas	<p><i>[pouco tempo de tradução] para compensar isso, íamos escolher dias em que houvesse mais aulas teóricas do que práticas. E2; Elas (intérpretes) disseram logo que geografia e físico-química nos iam dar uma boa bagagem. Quando fizemos o horário elas tiveram o cuidado de não nos darem educação física nem educação tecnológica. Nós temos português, matemática, físico-química... disciplinas mais teóricas. (...) E3; Não nos mandam para a disciplina X ou Y porque não tem lá intérprete ou porque falta tapar um buraco. Mandam-nos sempre para as disciplinas em que para nós seja mais favorável a tradução, ou seja, até mesmo um contexto diferente. Para experimentar. E isso é mesmo preciso. E5.</i></p>
Aulas extra	<p><i>Tenho necessidade de dar horas a mais, para perceber os conceitos, e o gesto. (...) E6.</i></p>
Feedback	<p><i>Sinto mesmo um bocadinho de falta desse feedback. (...) Eu também sinto falta desse feedback das aulas em que eu estou sozinha. Até eu podia perguntar, mas acho que também poderia partir um bocadinho deles [supervisores] dizer. Das duas aulas que ela me observou... da aula de hoje, não me disse absolutamente nada. Nem nenhum gesto que eu tenha feito mal. (...) Na aula anterior apontou os gestos que eu não sabia e no fim da aula disse-me como é que se faziam. Pronto, foi só isso. Mais em termos de se estava bem ou se estava mal... [abanou negativamente com a cabeça]. (...) Quando nós não temos intérprete deveria ser perguntado aos alunos como é a nossa tradução. E1; não se deve estar sempre sem ter um feedback. Eu preciso de saber como esta a correr a tradução, ainda estou a aprender... (...) Ao fim das aulas, normalmente elas dizem o que é que acharam, o que aconteceu. (...) No fim da aula, falamos com ela. Normalmente é nos intervalos, falamos de forma informal. E costuma-se de tempos a tempos marcar reuniões com todos os estagiários da escola e todos os intérpretes. E2; Nós, normalmente quando nós nos enganamos ou há alguma coisa a dizer, elas dizem no fim da aula. Quando fazemos, assim, uma prestação melhor do que o normal também nos dizem. (...) é tudo de forma informal. E3; Mas enquanto estamos a traduzir não temos aquele feedback, e não temos alguém que esteja à nossa frente, (...) Neste momento não sei se estou a evoluir. (...) Eu sinto muitas dificuldades em estar na sala de aula, e não saber onde é que me devo posicionar. (...) nós temos necessidade desse feedback. Principalmente nós que nunca o tivemos. E4; No final do dia ou de algumas disciplinas a minha orientadora vem ter comigo e diz-me, de forma informal, aspetos que devo melhorar, coisas</i></p>

		<p><i>que eu já tinha reparado antes, dá-me exemplos. (...) Lá em X [estágio] Sim. Eles avaliam-nos através de uma grelha de 1 a 5 e mostraram-nos esses parâmetros, em que somos avaliados. Mas não foi nada antes de começar a traduzir, foi quase no final. Antes de serem lançadas as notas, dizem. (...) O que aconteceu no final do primeiro semestre é que as intérpretes reuniram o grupo de estagiários delas, de cada orientadora, neste caso as duplas e mostraram-nos a grelha, o que é que nos tinham dado, cada pontuação. E5; Muita gente nem tinha tido feedback, E acho que devia haver esse feedback e não esperar para dizer à supervisora, porque é essa que tem lá o nome, chega-se ao fim e não há feedback nenhum. (...) Há o feedback que aconteceu que foi para dizerem as notas (...) Se calhar ter mais feedback, mas lá está, como eu não a tenho em todas as aulas, tenho outras intérpretes, se calhar, isso já cabia mesmo às outras interpretes dar esse feedback. (...) Eu acho que devia haver mais feedback, mais acompanhamento, do género: tirar dúvidas, (...) não é chegar ao final da aula tirar uma dúvida e nem sequer saber se correu bem se correu mal. (...) Talvez sejam os mesmos parâmetros a que fomos avaliados no primeiro semestre (...). Sei que foi assiduidade e pontualidade, foi tradução para LGP e para voz e mais outros dois que não faço ideia. (...) Desde o primeiro dia em que fomos para lá, tenho aulas em que estou sozinha, e acho que podiam dizer, dar o feedback e não termos que esperar por um mês em que sai a nota e depois nos dizerem em que é que, o que é que fizemos bem e o que é que fizemos mal. E6; No final do semestre, a nossa avaliação que eles nos deram, aí sim, foi-nos dado os critérios, exactamente aquilo que se naquele momento fossemos avaliados, tivéssemos uma avaliação efetiva de estágio, aquilo que eles nos avaliavam. Especificamente cada parâmetro. (...) No final do primeiro semestre não foi uma avaliação, foi um feedback geral deles. (...) Eu devia ter tido um feedback anterior combinado, regular, para poder mudar o que estava a fazer errado. (...) A nível profissional acho realmente no início dar-nos-iam um feedback nem que fosse semanal, ou diário, ou assim, mas só uma é que nos dava um feedback maior, mais regular. (...) Agora notamos uma diferença para o início do estágio, que realmente elas dão maior feedback, com maior regularidade e dão um maior feedback. (...) No final de uma aula, chegam ao pé de mim e dizem. Eles vão dizendo à medida que vão tendo necessidade de nos dizer. E7; Havia uma dificuldade, que continua a ser uma dificuldade, mas que já está um pouco mais superada, que tinha a ver, por parte dos supervisores, tinha a ver com a própria avaliação dos alunos, do que é que era pretendido. Neste momento há uma grelha de avaliação mais especificada do que antes, com critérios mais claros, com dimensões mais evidenciadas. E8.</i></p>
	<p><i>Gestão do</i></p>	<p><i>Acho que é mais produtivo para nós estarmos sozinhos, e não termos o nosso par, porque temos mais tempo para traduzir.</i></p>

tempo	<i>E1; Depende das aulas. Se for uma aula mais prática vamo-nos dividindo por eles, e a professora vai aqui e vai ali e nós vamos sempre acompanhando o docente. Quando é para traduzir uma aula inteira, eu traduzo uma aula e a outra [par], outra. E2.</i>
Presença do supervisor	<i>Ter a intérprete comigo quando estava a traduzir. Eu sentia muita necessidade em ter o intérprete, ou então naquelas aulas em que estava mesmo sozinha, de ter pelo menos o meu par. Mas essencialmente, era ter o intérprete comigo. E1; Há aulas em que estou com uma intérprete eu olho para ela e ela diz-me. E2; Estou sempre só com uma. Tenho umas horas com uma e outras horas com outra. (...) Há sempre uma intérprete por turma, as aulas estão todas asseguradas. E3; Quando comecei a traduzir, a principal necessidade, mas isso, eu já me queixei várias vezes, a principal necessidade é ter alguém que nos dê apoio. (...) como não tive aquela orientação, eu não sei onde é que me devo posicionar, nem sei o que é que é correto eu fazer ou não, eu vou por mim, pela minha educação e por aquilo que ouço. E4; Só tive dois dias com a minha suposta orientadora, porque ela depois foi de baixa, então eu e a minha colega ficamos a traduzir as aulas todas. A minha supervisora não está comigo na sala e eu acho que isso de termos uma pessoa responsável... é um bocado complicado, porquê? Porque devia ser uma pessoa que nos acompanha. Temos em algumas aulas [supervisor] E6; Só tenho uma disciplina que não. Foi decisão agora no segundo semestre. No primeiro semestre tive sempre supervisores, neste tenho uma disciplina em que a dupla está sozinha. E7.</i>
Relação com estudantes surdos	<i>São três intérpretes e só um intérprete é que consegue traduzir a aula e eles estarem a olhar para ele, o resto eles não... nem sequer olham para os intérpretes, muito menos para os estagiários. Eu acho que é pela personalidade deles. Porque eles estão no curso que não querem. E2; Eu disse que a minha principal dificuldade seria interagir com os alunos surdos. Porque eu já não sou uma pessoa... sou uma pessoa muito tímida, seria mais difícil para mim interagir com eles, É complicado, porque cada vez mais eu percebo que com as pessoas surdas, ou somos nós a ir ter com eles ou eles também se isolam. Não é como os ouvintes em que nós normalmente chegamos a algum sítio e dizemos boa tarde ou bom dia, mas não temos necessariamente que interagir com a pessoa para criar ali uma boa relação. (...) Porque eu não fui ali falar com eles, e brincar com eles, como eu vejo muitos intérpretes a fazer, e a agarrar e a brincar com eles, porque na minha perspetiva, eu acho devo diferenciar assim um bocadinho as coisas, são alunos e eu sou estagiária. (...) Os alunos com quem eu estou são muito mas muito acessíveis; no sentido, em que me falta algum gesto e eles próprios me ajudam. E4; [os alunos] são muito acolhedores, sempre que erramos em algum gesto eles, através do lugar, fazem o gesto corretamente,</i>

	<i>mas sem interromper a aula. E5; No segundo ciclo, sentimos que realmente com o evoluir, o conhecer os alunos, ganhar uma certa confiança, mesmo nos intervalos, começamos a conhecer os gestos, interação com os alunos. (...) Sabíamos que eles próprios nos estavam a testar, e estávamos a sentir-nos observadas, estávamos pouco à vontade. E7.</i>
<i>Proficiência dos estudantes surdos</i>	<i>No início há sempre dúvidas e dificuldades... As turmas de secundário e assim... será que vão perceber aquilo que nós estamos a dizer? Será que nos vão perceber? E5; A primeira dificuldade foi realmente baixar o nível da língua gestual para o ensino básico. (...) e também, no segundo ciclo, o sétimo ano que era uma turma de alunos surdos bilingues, filhos de pais surdos, que dominavam a língua gestual de uma forma extraordinária...E7.</i>

ANEXO VIII

Unidades de registo do tema ‘Vivências do Supervisado’

L

Quadro 20 – Unidades de registo do tema ‘Vivências do supervisor’

<i>Tema</i>	<i>Categoria</i>	<i>Unidades de Contexto/ Unidades de Registo</i>
<i>Vivências do supervisor</i>	<i>Medo</i>	<i>Tinha um bocadinho de medo de se tivesse uma branca, estar ali na sala à frente dos alunos e do professor. E3; No início do estágio acho que medo é geral em todos os estagiários, de se deparar com uma turma e traduzir. E5.</i>
	<i>Stresse</i>	<i>Mas foi sempre aquela coisa, fui atirada um bocadinho aos leões. E1; Estava um bocadinho ansiosa porque queria começar E3. Às vezes ate sabíamos o gesto mas... não dá! Bloqueávamos. E5; Não é só a escola e um ambiente novo, a pressão de estar, de ter muita coisa que fazer, é as próprias intérpretes. (...) A primeira aula que eu traduzi de português foi horrível. Acho que foi um misto de tudo... foi um misto de estar nervosa porque ia traduzir, foi um misto de não saber muitos gestos. (...) mas se eu soubesse pelo menos a matéria... E6.</i>
	<i>Desmotivação</i>	<i>Por exemplo, no meu caso na parte de tradução, ou seja, conhecimentos de vocabulário me deram um. O que eu achei que um era a mesma coisa que eu ir para lá fazer mímica, não tinha conhecimento nenhum, e até em comparação a outras colegas, também tenho conhecimento daquilo que sei e que não sei. Tenho noção que não sou nenhuma perita, mas também tenho noção que um, é uma coisa impossível (...) fiquei completamente desmotivada. (...) E7.</i>
	<i>Desorientação</i>	<i>Inicialmente comecei com uma dupla, com uma parceira e, pronto, ela não foi mais. Se calhar senti-me um bocadinho ... perdida, só que estava habituada a ter alguém que depois deixou de ir. E3; Eu acho que inicialmente, nunca ia deixar que o estudante tivesse que tomar iniciativa de tudo. O estudante não sabe o que fazer, está ali perdido. (...) Sentia-me como se estivesse a começar do início. E7.</i>
	<i>Solidão</i>	<i>Ainda só me observou duas vezes [supervisora] (...) A minha responsável eu só vejo à terça à tarde, enquanto que há intérpretes que eu vejo segunda e terça. (...) ‘como é? Vamos ficar sozinhas? Não é possível... o que é que vamos fazer? Se tivermos alguma dúvida, como é que é?’ E1; Já não estamos muito confortáveis com a situação de: vamos ter de começar sozinhos. Eu posso dizer que foi mesmo, eu estava lá como se fosse uma persona non grata. (...) Estamos sozinhos. E6.</i>

ANEXO IX

Unidades de registo do tema ‘O intérprete enquanto supervisor’

Quadro 21 – Unidades de registo do tema ‘O intérprete enquanto supervisor’

<i>Tema</i>	<i>Categoria</i>	<i>Sub-categoria</i>	<i>Unidades de Contexto/ Unidades de Registo</i>
<i>O intérprete enquanto supervisor</i>	<i>Rácio supervisor/ supervisorado</i>		<p><i>[1orX2ees]. Sim, dois. (...) Ela não sabia que era minha responsável, até quase à entrega dos relatórios. Fui eu que lhe dei a indicação E1; Temos dois. Um é o responsável que vem cá às reuniões. Eu acho que deve ser um supervisor para dois estagiários, assim é bom. (...) cada intérprete que lá está é responsável por uma dupla. E2; [duplas] Sim. [n.º de supervisores] Duas. 2x2. E3; Estamos sempre as duas juntas [supervisadas]. Isso é bom neste momento, para nós (supervisor ausente) (...) mas eu não concordo com duplas, não concordo. (...) A dupla, eu acho que é mais complicado, para além de que o fato de haver duplas cria sempre algumas confusões dentro da própria sala de aula entre essas duplas, há sempre confusões entre as duplas. E, eu acho que o melhor mesmo é ser um, um, sempre. E4; [2oorX3ees] Acho que está bem. Agora, não haver é que está mal. E5; Porque muitos nem estavam à espera e chegaram lá e... vais ser supervisora... No fundo também acaba por ser surpresa para alguns. E6; Nós só podemos escolher os centros. Não podemos escolher os supervisores dentro dos centros, isso compete à gestão de recursos humanos dentro daquela instituição. E o critério para escolher um centro de estágio é a presença de intérpretes. Neste momento praticamente só temos escolas de referência como centros de estágio e a escola superior de educação, até este ano. No próximo ano já não será. Em princípio, não temos alunos surdos. (...) Mas não podemos escolher, podemos dar a entender a importância de ser um intérprete experiente com prática e eventualmente com prática também na supervisão, mas a escola é que decide quem. Até porque acho que isso compete à sua gestão de recursos humanos. (...) Há o primeiro papel que é servir de modelo e que portanto, um modelo o mais irrepreensível possível, e daí ser a nossa política incentivar a seleção dos intérpretes mais experientes, mais proficientes na tradução, com melhor atitude, melhor envolvimento, mas obviamente</i></p>

			<i>não depende de nós, as instituições é que decidem quem faz a supervisão. (...) [1oorx2ees] Acho que esse seria um bom rácio, sei que não é cumprido em algumas instituições. (...) Habitualmente os supervisores têm sempre pares, portanto dois ou quatro. Não um nem três, penso que não temos em nenhuma situação um estudante sozinho a realizar estágio. Mas penso que sim, duas duplas acho que é o limite. Mais do que isso já começa a perder a capacidade de acompanhar o tempo que eles estão lá, 13 horas de estágio, nas instituições, se tiver que acompanhar duas duplas, isso são 26 horas, portanto já não há muito mais, ou então não está acompanhar sempre, o que quer dizer que as duplas estão sozinhas uma parte do tempo. E8.</i>
	Motivação		<i>Eu sei que elas [supervisoras] são super ocupadas, trabalham, também estão a fazer o mestrado, também têm a vida delas, e cada uma tem as suas preocupações, realmente às vezes, não sei até que ponto aceitarem ser supervisoras seja um critério... sei lá... uma obrigação... da parte de estarem a fazer o mestrado com a mesma orientadora, não sei... não sei. Eu acho que ser supervisor devia ser uma opção do próprio intérprete. E7.</i>
	Competências	Acompanhar	<i>Acho que devia acompanhar E2; Devia-nos acompanhar, essencialmente isso. Iria acompanhar. E6; Depois realmente para nos poder acompanhar, e esclarecer as nossas dúvidas, as nossas dificuldades, as nossas barreiras. E7; Mantendo a capacidade de, portanto, acompanha-los. (...) E8.</i>
		Ajudar/apoiar	<i>Ajuda. (...) Ela dá-nos o vocabulário e muitas vezes explica-nos os conceitos. (...) Porque se eu estivesse lá sozinha se calhar eu errava e não tinha ninguém que me ajudasse ou que me corrigisse para me ajudar a evoluir. (...) Apoiar-nos, a mim apoia-me imenso, no sentido de se tiver alguma dificuldade, se sentir menos bem. (...) E assim eu sei que está lá sempre uma pessoa que me apoia. E2; Quando nos veem mais atrapalhadas fazem o gesto que nos falhou. (...) Que me apoiassem. (...) Lá está, é mais, está para nos apoiar, e estão sempre, tem noção das nossas dificuldades E3; O apoio é fundamental (...) qualquer falha, está ali para nos apoiar. E4; ia-nos ajudando quando nós bloqueávamos. (...) Está ali</i>

			<i>porque também sabe que nós estamos aprender, e quem está a aprender precisa sempre de ajuda. E5; ajuda-me. (...) porque nós precisamos de um apoio e não de alguém que nos esteja aqui a criar obstáculos. ter uma base de apoio.E6; Numa primeira fase sentir apoio. (...) Nós realmente sentimos uma grande diferença e sentimos que uma delas realmente nos dá bastante apoio. E7; Assumir uma postura de alguém que os está ajudar a entrar na prática. E8.</i>
		<i>Ser amigo</i>	<i>Um papel de ombro amigo E8.</i>
		<i>Ser atento/observar/orientar</i>	<i>Enquanto nós estamos a traduzir, que esteja focado em nós, em nós, no que é que nós estamos a fazer no discurso do professor, e dos alunos. (...) Ter aula com a minha responsável, ou ter aula com outro intérprete é igual. Porque todos eles fazem... não fazem o mesmo, porque nos observam de maneira diferente. E1; Ter o cuidado de virar a atenção para ver se estamos a traduzir bem. Ter o cuidado de me estar sempre a observar. E2; O orientador se está só uma pessoa, se está a orientar ali aquele aluno, naquele momento, é individualizado (...) e tem mais atenção para aquele estagiário, e é capaz desse estagiário desenvolver melhor do que se tivesse a dupla. (...) Primeiro tem que ser, para orientar alguém. E4; Estar sempre atentas ao que nós estamos a fazer. E5; Numa primeira fase realmente orientar. E7.</i>
		<i>Ser assertivo</i>	<i>lá está, tem que ser assertivo. E7.</i>
		<i>Ter autoridade</i>	<i>Quase de forma amigável, mas simultaneamente mostrando-se superior, penso que é extremamente importante. Pois permite dar um feedback com mais autoridade. E8.</i>
		<i>Avaliar</i>	<i>Nota-se que uma é assim mais organizada, mais focada na avaliação, na tradução. E5; É assim, eu acho que é importante nós termos que ter alguém que nos avalie, se não houver, não vão ser os alunos, tem que ser uma pessoa que perceba minimamente de língua gestual, do nosso curso, dos critérios do nosso curso, para nos avaliar. E7; Depois, há todo um trabalho de planificação do trabalho de interpretação da realidade daquilo que está a passar, uma avaliação daquilo que, das experiências pelas quais passam... E8.</i>

	<i>Ser bem disposto</i>	<i>Boa disposição. E3.</i>
	<i>Ser comprometido</i>	<i>Comprometido com a supervisão. Falando em compromisso, acho que deve ser comprometido com os alunos, e entre os alunos e o supervisor, que seja comprometido com os alunos que ensina uma lição muito mais preciosa. E8.</i>
	<i>Confiar e ser confiante</i>	<i>Que tenha confiança acho que não é muito importante, mas que transmita confiança acho que sim E1; A confiança que essa pessoa está a depositar em nós é importante e necessária, no fundo acaba por..., estou a confiar em ti porque acho que tu és capaz. E6.</i>
	<i>Proporcionar desafios</i>	<i>Também informar-nos quanto à nossa postura. (...) Falar-nos sobre a interação entre o intérprete e o professor, como é que devemos abordar os alunos. (...) Deve dar toda a informação e ir sempre puxando mais pelo estagiário. (...) Incentiva. E4; No fundo acaba por me incentivar. E6.</i>
	<i>Ser discreto</i>	<i>[supervisora] Se tiver de corrigir faça-lo de maneira discreta. E6.</i>
	<i>Disponibilizar-se para</i>	<i>Que se mostre disponível. E2;</i>
	<i>Exigir</i>	<i>Por ser exigente e ter a noção que desenvolvemos naquelas aulas é que ela fez questão que os estagiários passem por físico-química, é um bom treino. E3.</i>
	<i>Ser experiente</i>	<i>Ele que já tem a prática. É ele que já sabe o que fazer em determinadas situações como intérprete, dentro da sala de aula e fora da sala de aula. Passa muito por aí, por ele já ter a prática e saber o que fazer. E1; Ela já traduz há muitos anos aquilo sabe melhor do que nós, porque há programas no computador que nós não conhecemos. E2; Tem que ter bastante experiência. E4; Eu acho que é preciso experiência enquanto intérprete. E5; Nós sentimos que a supervisora que está connosco, com certeza já ouviu aquilo umas quinhentas mil vezes, porque já está lá a trabalhar há alguns anos, já ouviu aquela matéria e já sabe dar a volta, e já está habituada e já tem prática. E7.</i>
	<i>Dar feedback</i>	<i>Ter o cuidado de me estar sempre a dar o feedback. E2; Que nos dêem sempre o feedback. Também sabe bem ouvir, às vezes, que correu bem E3; dizer-nos se estamos a evoluir, se não estamos a evoluir; E4; Se elas não estivessem lá não teria ninguém que me desse</i>

			<p><i>aquele feedback. (...) É uma qualidade que eu aprecio num orientador. Que é dar sempre um feedback. Dar-lhe feedback... dar o feedback. E5; Por acaso a intérprete que está comigo não é a minha supervisora. Mas poderia dizer-me, dar aquele feedback normal, porque eu tenho duas interpretes comigo, uma é minha responsável, e a outra não. Já me conhece, podia dizer-me pelo menos o feedback. Acho que não vai estar a dizer à supervisora, se ela está comigo podia dizer-me. (...) Somos nós que precisamos de feedback. E6; Quando tem de dar um feedback negativo tem de o dizer, (...) O estagiário ao receber o feedback negativo vai sempre a baixo, é natural. Mas é preciso saber dar um feedback negativo. (...) Qualquer avaliação, mesmo que seja um feedback negativo tem que ser construtivo. E7; (...) com o feedback imediato muito centrado para a melhoria. E8.</i></p>
		<i>Ser firme</i>	<p><i>(...) mas também de firmeza e que lhe permite chamar atenção e dizer o que é que correu bem e o que é que não correu tão bem, que terá de melhorar para uma próxima situação. E8.</i></p>
		<i>Informar</i>	<p><i>Tentar sempre informar-nos sobre o que se vai acontecer na escola, nas aulas, passeios, e se queremos participar. Afinal só somos estagiários. E5.</i></p>
		<i>Ter iniciativa</i>	<p><i>Eu tomava a iniciativa, se calhar em atividades, em várias coisas. E7.</i></p>
		<i>Ser justo</i>	<p><i>Devia ser uma pessoa justa. E2; Terem a noção que nós também erramos. (...) Acho que se esqueceram que também já estiveram no nosso lugar. E3; Teria que ser justa. (...) Não olhar apenas para um ato que o estagiário fez menos bem, olhá-lo sempre daquela forma em todos os atos que ele vá fazer. E5.</i></p>
		<i>Ser um modelo/Guia</i>	<p><i>É ele que nos guia. É ele que tem que, que nos guiar. E1; Eu acho que faz mais sentido o guia do que o líder. Alguém que acompanha no trajeto comum do que alguém que indica para onde tem que ir. (...) O supervisor é um modelo em que, portanto, é encarado, habitualmente, pela pessoa, pelo estudante que inicia o estágio, como a imagem que ele vai tentar seguir. (...) Comecei por dizer que papel de modelo é o mais relevante nesta</i></p>

		<i>altura. E8.</i>
	<i>Motivar</i>	<i>Quando veem que estamos mais em baixo, então, deviam dar-nos ânimo. Acho que é muito preciso. E3. Faz o mais importante que é motivar. Tentar dar um reforço positivo, porque a nível de..., para motivar. Dizem que nós devemos saber nos auto motivar, mas na verdade às vezes essa auto motivação não chega, principalmente quando estamos num mundo completamente novo, em que caímos lá de para-quedas. E6;</i>
	<i>Ser paciente</i>	<i>é preciso paciência E1; É muito provável que um supervisor vá passar por várias situações em que alguns dos seus orientandos tenha que repetir várias vezes, que tenham falhas, que repitam os mesmos erros, portanto a paciência acho que é muito importante. E8.</i>
	<i>Ter performance gestual</i>	<i>Ela sabe, ela própria as vezes tem dificuldade em criar algum gesto, ou porque não há gesto e dar a volta para que eles percebam... E6; Implica competências em termos de tradução, em termos de domínio da língua gestual portuguesa. E8.</i>
	<i>Se preocupar</i>	<i>É preocupada E1; Preocupada sim, ser uma intérprete preocupada. Ela perguntou-me várias vezes se eu me estava a adaptar bem, como estava a ser. E2; são as duas preocupadas E5; Ser uma pessoa que se preocupa. E6.</i>
	<i>Estar presente</i>	<i>Que estivesse sempre presente. E2; que estivessem sempre nas aulas. (...) Estarem sempre presentes E3; Ele estar na aula. E4.</i>
	<i>Ser profissional</i>	<i>(...) tem que ser um bom profissional E4.</i>
	<i>Respeitar</i>	<i>respeito é muito importante. Às vezes esquecem-se que já foram estagiários E7.</i>
	<i>Ser responsável</i>	<i>Ser um bocadinho responsável, entre aspas, pelo trajeto daquele estagiário, não o deixar assim à deriva. E5; Desde que seja suficientemente responsável e cumpridor. E8.</i>
	<i>Ser simpático</i>	<i>Ser simpática. E1.</i>
	<i>Ser um treinador</i>	<i>Eu imagino um treinador como alguém que pede incessantemente que alguém desempenhe a mesma ação para aperfeiçoar o mais possível... nesse sentido? Sim. E8.</i>
	<i>Ser verdadeiro</i>	<i>Ser direto, acho que é muito importante ouvirmos sempre a verdade, mesmo que seja</i>

			<i>menos boa. E5.</i>
		<i>Ser voluntário</i>	<i>a dificuldade de emprego é cada vez mais difícil, e as pessoas gostam de preservar os lugares (...) Não se pode ser muito voluntário. Temos que pensar um bocadinho em nós. Temos que ser realistas. E7; Eu acho que essa dimensão de voluntarismo é muito importante nas condicionantes atuais (...) Esse desejo de continuar a formar e melhorar a qualidade dos serviços, acho que seria muito importante. E8.</i>

ANEXO X

Unidades de registo do tema ‘Sugestões’

Quadro 22 - Unidades de registo do tema ‘Sugestões’

Tema	Categoria	Unidades de Contexto/ Unidades de Registo
Sugestões	Colaboração Institucional	<p><i>A ESE e as escolas deviam colaborar e trabalhar mais, e deviam pensar se realmente se vale a pena ter estagiários naquelas escolas. Porque acho que isso acaba por prejudicar o futuro. Porque nós vamos acabar este curso este ano e tenho quase a certeza que vai haver metade das pessoas que não vão passar por isto outra vez. E1; Acho que deveria haver uma boa articulação da ESE, a escola e os intérpretes onde os estagiários estão. (...) Acho que a escola a ESE, devia se calhar, reunir mais vezes com os intérpretes supervisores aqui, para ambos articularem, saberem o que é que vão avaliar, as competências. Somos nós que temos que tirar uma nota, não podemos estar numa situação no meio. (...) Os professores terem conhecimento que vão para lá estagiários e o que é que eles vão para lá fazer, para criar uma relação, pelo menos que dê para estarmos a traduzir. Colaboração institucional. E6.</i></p>
	Formação	<p><i>Eu acho que na licenciatura não fazia muito sentido, porque há muitos intérpretes que nunca vão ser orientadores. (...) Uma formação que fosse dada quando soubesse que ia haver estagiários naquela escola Se calhar aqui a escola [ESE], porque está mais ligada aos alunos e sabe o que é que é esperado deles [supervisores]. E2; Seria importante haver umas horas para nos dar alguns conceitos base. Em tudo, pedagogia, não só pedagogia mas também para a avaliação E3; Eu acho que devia ter mais formação. Não sei se não devia ter outra licenciatura. Eu acho que esta não é suficiente. Uma formação em que abordasse todo o contexto educativo (...) e que ao mesmo tempo tivesse como objetivo orientar estagiários. (...) Aquelas pessoas que tivessem que tirar aquela formação, mas que o objetivo fosse poder orientar estagiários. (...) Para aquela pessoa ter uma noção do que vai fazer. (...) ou ter mais um mestrado... Ou um doutoramento E4; Uma disciplina aqui no curso, que nos ajudasse. Uma vez já estando inserido no curso é obrigatório fazer. E5; Acho que faz sentido pensar numa unidade curricular enquanto se faz a licenciatura. E6; Umhas ações de formação sim. Da responsabilidade da escola [ESE]. A escola estaria muito mais sensibilizada para a situação, não iam tirar um curso aí a um sítio qualquer. Para quem está na prática é sempre bom fazer um refresh, não só a nível de gestos. (...) Como uma especialização... ou no contexto do mestrado E7; Eventualmente poderia fazer sentido no início da observação. Aquelas 15 horas teórico-práticas que eles têm, eventualmente poderia ser interessante dedicar uma ou duas sessões a trabalhar. (...) A licenciatura prepara profissionais, não prepara supervisores. Também aí a supervisão se aprende um bocadinho por modelo com os próprios supervisores. Não havendo uma formação específica sobre supervisão, isso significa que os</i></p>

		<p><i>nossos supervisores aprenderam a supervisionar muito por modelagem através dos seus supervisores. Portanto como é a nossa formação... a licenciatura prepara apresentado modelos de supervisão que nós não controlamos, obviamente. Portanto a nossa preocupação é construir um perfil profissional o mais robusto possível que depois venha a ser desenvolvido através da prática e do estágio, e da prática futura. Em termos de mestrado... não foi abordado, penso, de forma explícita a supervisão profissional. Mas foi debatido largamente o papel do intérprete em contexto educativo, é em contextos educativos que se realiza a maior parte dos nossos estágios, se não quase a totalidade. E nesse aspeto, muitos dilemas, muitas questões relativa à postura, a atitude do intérprete na sala de aula, aos papéis às funções, aos problemas, às teorias, acerca do que a interpretação educativa, e foram muito trabalhadas, acho através do mestrado os nossos estudantes de mestrado sairão daqui muito mais preparados para refletir acerca do seu trabalho, do seu desempenho enquanto intérpretes. E penso que isso ajudará também a transmitir essa perspetiva para os próprios estagiários. (...) Há questões que ganhariam em ser debatidas numa sala, isto é, tendo todos ou a maior parte dos supervisores numa sala a debater questões como: acompanhamento, avaliação, planificação. Poderia ajuda-los a desenvolver uma matriz mais comum que harmonizasse, também, o acompanhamento feito aos estagiários nas várias instituições. Ou pelo menos ajudasse a pensar melhor sobre as várias alternativas de implementar essa supervisão. (...) Acho que seria altura de apresentar uma formação para supervisores, em que fossem debatidas algumas das questões que poderão não ser tão claras. Há uma teoria por trás da supervisão, não é apenas uma atividade resultante da experiência empírica, há teorias que poderão ser trabalhadas, e apesar do conhecimento ser escasso relativamente ao papel dos supervisores nas atividades de iniciação à prática profissional de intérpretes de língua gestual, não há literatura específica sobre isso. Há sobre áreas adjacentes e pode ser devidamente reconvertida para a área da tradução. E8.</i></p>
	<p><i>Sessões de supervisão</i></p>	<p><i>Nunca fizeram. (...) não temos tido. Até agora não. E3; Eu acho que, claro que, deviam existir, nós precisamos muito disso. (...) E nessas sessões acho que se devia abordar principalmente, como eu disse, os gestos (...) as próprias sessões também devia falar sobre a postura, como é que nós devemos estar. E4; O problema é que isso nunca aconteceu. E6; Não é de forma formal. Eu acho que elas sentem a necessidade de nos dizerem, normalmente é a nível pessoal. E7.</i></p>
	<p><i>Regularidade da supervisão</i></p>	<p><i>De 15 em 15 dias, ou até mesmo 1 vez por mês, dizer-nos... aquilo, onde estivemos bem, onde estivemos menos bem, onde estivemos mal. E1; Não havia necessidade de ser marcada uma hora exata. Eu acho quando houvesse necessidade disso. Por exemplo, no fim de uma semana de tradução E2; de duas em duas ou de três em três semanas, E3; Podiam ser de 15</i></p>

	<i>em 15 dias. E4; De 15 em 15 dias o orientador marcar uma reunião com o seu grupo de estagiários e apresentar aspetos que deviam alterar ou que devia continuar. Isso é importante acontecer. Precisamos mesmo.E5; Em princípio todas as semanas ou de quinze em quinze dias, à partida será isso.- isto é para a regularidade. E6.</i>
<i>Supervisão à distância</i>	<i>Eu se calhar, eu própria como supervisor, olhe mandava uma SMS. Não é que seja pessoal, pode ser profissional, ou mandava um email. (...) E7.</i>
<i>Diversificação dos locais de estágio</i>	<i>Quando iniciei este curso o que eu li quando me candidatei tinha que podia trabalhar em vários sítios, não só no contexto educativo. (...) E a nossa observação e o nosso estágio é só no, não é nada que me desagrada, porque eu adoro, mas acho importante passar por um tribunal, serviços públicos, televisão, outras situações... podermos assistir para saber como é que é. (...) Na aula de tradução até abordamos se estivéssemos numa situação nesse contexto, a professora tenta passar vários contextos, mas outra coisa é vermos. (...) Devemos ter também um supervisor não só em contexto de uma observação com prática ou estágio, mas sim nas outras observações. Temos um supervisor que nos encaminhasse quando chegássemos a esta altura, já sabíamos com o que íamos contar, lidar, é diferente. Como é por exemplo o curso de enfermagem, em que eles vão fazer o último estágio no quarto ano, tem muito mais prática. Nós como profissionais não estamos minimamente preparados para uma situação que não seja contexto educativo. E7.</i>
<i>Supervisão em tempo de serviço</i>	<i>A supervisão também não conta para horário dos supervisores, que é um ponto que... nós também não podemos fazer nada, mas que não deixamos de salientar, que ocupa tempo uma supervisão bem-feita. (...) Gostaria, e acho que numa situação ideal, todos os supervisores deveriam ter contabilizado na sua distribuição de serviço algum tempo para essa função. E8.</i>

ANEXO XI

Plano de Estudos da Licenciatura em TILGP da ESE do IPS

Quadro 23 – Plano de estudos da licenciatura em TILGP da ESE do IPS

Ano	Unidades Curriculares	Total de horas	Contacto
1º	Língua e prática textual	135	T20/TP20/S9/OT10
	Relações interpessoais e gestão de grupos	135	T21/PL20/TP27/OT10
	Língua gestual portuguesa I	162	PL20/OT10/TP32
	Linguística portuguesa I	108	T25/OT5/TP20
	História e cultura da comunidade surda	108	T25/OT5/TP20
	Iniciação à tradução e interpretação	135	T15/OT5/TP20/PL15
	Opção I	135	
	Produção de conteúdos para a Web	135	T15/OT10/PL65
	Tecnologias e comunicação	135	T15/S10/OT10/PL65
	Língua estrangeira	135	T40/OT10/TP20/TC10
	Matemática, cultura e realidade	135	T40/OT10/TP20/TC10
	Ciência, tecnologia e sociedade	135	T20/S12/TP30/OT8
	Língua gestual portuguesa II	162	PL20/OT10/TP32
	Teoria e prática da tradução e interpretação I	162	T20/PL20/TP20/OT2
	Linguística da língua gestual portuguesa I	108	T25/OT5/TP20
2º	Linguística portuguesa II	108	T25/OT5/TP20
	Teoria e prática da tradução e interpretação II	162	T20/PL20/TP20/OT2
	Língua gestual portuguesa III	189	PL20/OT10/TP40
	Educação postural e atividade profissional	135	T45/TP21/TC16
	Expressão dramática	135	PL20/OT6/O6
	Linguística da língua gestual portuguesa II	108	T25/OT5/TP20
	Teoria e prática da tradução e interpretação III	189	T20/PL20/TP20/OT10
	Língua gestual portuguesa IV	189	PL20/OT10/TP40

	Intervenção em contextos profissionais I	135	OT10/TP15
	Língua e comunicação profissional	135	T20/OT10/TP20/S10
	Antropologia cultural	135	T30/OT10/TP30/O2
	História das media	135	T30/TC30/TP35/OT10
	Evolução das ideias em ciência	135	T20/S12/TP30/OT8
	Sociologia da cultura e interculturalidade	135	T30/OT9/S9/TP30
3º	Economia gestão e empreendedorismo	135	T30/OT10/TP30/O2
	Linguística comparada	108	T25/TP20/OT5
	Teoria e prática da tradução e interpretação IV	135	T20/PL20/TP20/OT2
	Língua gestual portuguesa V	162	PL20/OT10/TP32
	Intervenção em contextos profissionais II	108	OT10/TP10
	Audição, visão e surdez	108	S4/OT10/E90
	Ética e deontologia profissional	108	T30/TP15/OT10
	Teoria e prática da tradução e interpretação V	135	T15/PL15/TP20/OT5
	Língua gestual portuguesa VI	135	PL20/OT10/TP32
	Comunicação e património literário	135	T40/OT10/TP20/TC10
	Língua estrangeira II	135	TP45/OT30
	Intervenção em contextos profissionais III	108	OT10/TP10
	Seminário de projeto	108	T15/TP20/OT20
	Carteira de competências – UC de unidades livres	135	T6/TP9/OT12

Legenda: Ensino teórico (T); Ensino teórico-prático (TP); Ensino prático e laboratorial (PL); Trabalho de campo (TC); Seminário (S); Estágio (E); Orientação tutorial (OT); Outra (O).

ANEXO XII
Plano de Estudos da Licenciatura em TILGP da ESE do IPP

Quadro 24 – Plano de estudos da licenciatura em TILGP da ESE do IPP

Ano	Unidades Curriculares	Total de horas	Contacto
1º	Língua e cultura portuguesa	140	TP56
	Língua gestual portuguesa I	140	TP56
	Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem I	84	TP33
	Psicossociologia da comunidade surda	140	TP56
	Deficiência auditiva I	84	TP33
	Modelos organizativos em educação especial	140	TP56
	Tecnologias da informação e da comunicação	84	TP33
	Língua gestual portuguesa II	140	TP52
	Teoria e prática da tradução e interpretação em língua gestual portuguesa I	140	TP52
	Linguagem e cognição	140	TP52
	Linguística descritiva portuguesa	140	TP52
	Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem II	84	TP33
	Deficiência auditiva II	140	TP56
	Observação e intervenção educacional em contextos sociais e educativos I	84	TP33
	2º	Língua gestual portuguesa III	196
Teoria e prática da tradução e interpretação da língua gestual portuguesa II		252	TP97
Linguística da língua gestual portuguesa I		84	TP33
Princípios e práticas do processo de ensino-aprendizagem I		84	TP33
Observação e intervenção educacional em		224	TP89

	contextos sociais e educativos II		
	Língua gestual portuguesa IV	196	TP76
	Teoria e prática da tradução e interpretação em língua gestual portuguesa III	196	TP76
	Linguística da língua gestual II	84	TP33
	Observação e intervenção educacional em contextos sociais e educativos III	84	TP33
	Família e o indivíduo surdo	112	TP45
	Princípios e práticas do processo de ensino-aprendizagem II	56	TP22
	Metodologias da investigação	112	TP45
3º	Língua gestual portuguesa V	112	TP45
	Teoria e prática da tradução e interpretação em língua gestual portuguesa IV	112	TP45
	Observação e intervenção educacional em contextos sociais e educativos IV	280	TP108
	Perturbações específicas do desenvolvimento	84	TP33
	Ética e deontologia	84	TP33
	Seminário I	84	TP33
	Expressão dramática (opção)	84	TP33
	Língua estrangeira (opção)	84	TP33
	Neuropsicologia (opção)	84	TP33
	Direito e instituições internacionais (opção)	84	TP33
	Seminário II	112	TP45
	Teoria e prática da tradução e interpretação em língua gestual portuguesa VI	112	TP45
	Língua gestual portuguesa VI	112	TP45
	Estágio	504	PL195

Legenda: Ensino teórico (T); Ensino teórico-prático (TP); Ensino prático e laboratorial (PL);

Trabalho de campo (TC); Seminário (S); Estágio (E); Orientação tutorial (OT); Outra (O).

ANEXO XIII
Plano de Estudos da Licenciatura em LGP da ESE do IPC

Quadro 25 – Plano de estudos do curso de licenciatura em LGP: Interpretação em LGP da ESE do IPC

Ano	Unidades Curriculares	Total de horas	Contacto
1º	Língua gestual portuguesa I	336	P120
	Introdução à linguística geral e portuguesa	168	TP75
	Língua portuguesa I	168	TP60
	Opção I/II: formação geral e transversal	168	60
	Língua gestual portuguesa II	336	P90/PL30
	Sociedade, cultura e identidade surda	84	TP30
	Surdez e comunicação	84	TP45
	Ética e deontologia profissional do intérprete de LG	84	TP30
	Codificação e representação gráfica da LGP	84	P30
	Opção I/II: formação geral e transversal	168	60
2º	Língua gestual portuguesa III	420	P120/PL30
	Linguística da língua gestual portuguesa I	84	TP30
	Língua portuguesa II	84	TP30
	Teoria e prática da tradução e interpretação da LGP	84	TP45
	Opção V/VI: formação geral e transversal	168	60
	Língua gestual portuguesa IV	420	P100/PL50
	Técnicas de expressão escrita	84	TP45
	Interpretação para LGP	168	TP60
	Interpretação para voz	168	TP60
	3º	Língua gestual portuguesa V	336
Linguística da língua gestual portuguesa II		84	TP45
Cultura dos surdos		84	TP30
Interpretação para LGP II		168	TP30/PL30
Interpretação para voz II		168	TP30/PL30

Estágio	840	E375/S60
---------	-----	----------

Legenda: Ensino teórico (T); Ensino teórico-prático (TP); Ensino prático e laboratorial (PL); Trabalho de campo (TC); Seminário (S); Estágio (E); Orientação tutorial (OT); Outra (O).

Quadro 26 – Plano de estudos do curso de licenciatura em LGP: Lecionação da LGP da ESE do IPC

Ano	Unidades Curriculares	Total de horas	Contacto
1º	Língua gestual portuguesa I	336	P120
	Introdução à linguística geral e portuguesa	168	TP75
	Língua portuguesa I	168	TP60
	Opção I/II: formação geral e transversal	168	60
	Língua gestual portuguesa II	336	P90/PL30
	Sociedade, cultura e identidade surda	84	TP30
	Surdez e comunicação	84	TP30
	Psicologia da Educação	84	TP45
	Codificação e representação gráfica da LGP	84	P30
	Opção I/II: formação geral e transversal	168	60
2º	Língua gestual portuguesa III	420	P120/PL30
	Linguística da língua gestual portuguesa I	84	TP30
	Língua portuguesa II	84	TP30
	Currículo e formação	84	TP45
	Opção V/VI: formação geral e transversal	168	60
	Língua gestual portuguesa IV	420	P100/PL50
	Técnicas de expressão escrita	84	TP45
	Tecnologia educativa	84	TP30
	Didática do ensino da LGP I	84	TP30
	Necessidades educativas especiais	84	TP30
	Intervenção precoce em problemas de comunicação	84	TP30
	3º	Língua gestual portuguesa V	336

Linguística da língua gestual portuguesa II	84	TP45
Cultura dos surdos	84	TP30
Didática do ensino de língua gestual portuguesa II	252	TP90
Workshop	84	TP30
Estágio	840	E375/S60

Legenda: Ensino teórico (T); Ensino teórico-prático (TP); Ensino prático e laboratorial (PL); Trabalho de campo (TC); Seminário (S); Estágio (E); Orientação tutorial (OT); Outra (O).

ANEXO XIV
Plano de Estudos da Licenciatura em TILGP da ESE do IPS
em vigor em 2011

Quadro 27 – Plano de estudos do curso de TILGP na ESE do IPS em vigor em 2011

Ano	Unidades Curriculares	Total de horas	Contacto
1º	Língua e prática textual	135	T10/TP24/S10/OT15
	Relações interpessoais e gestão de grupos	135	TP25/PL5/TC15/OT15
	Língua gestual portuguesa I	162	TP34/PL20/OT18
	Linguística portuguesa I	108	T20/TP16/OT12
	História e cultura da comunidade surda	108	T16/S20/OT12
	Iniciação à tradução e interpretação	135	T15/TP15/PL15/OT15
	Opção I	135	---
	Produção de conteúdos para a Web	135	T10/TP45/OT15
	Tecnologias e comunicação	135	T10/TP45/OT15
	Língua estrangeira	135	TP45/OT15
	Matemática, cultura e realidade	135	T15/TP30/OT15
	Ciência, tecnologia e sociedade	135	T15/TP27/S3/OT15
	Língua gestual portuguesa II	162	TP34/PL20/OT18
	Teoria e prática da tradução e interpretação I	162	T15/TP25/PL14/OT18
	Linguística da língua gestual portuguesa I	108	T20/TC16/OT12
2º	Linguística portuguesa II	108	T20/TP16/OT12
	Teoria e prática da tradução e interpretação II	162	T15/TP25/PL14/OT18
	Língua gestual portuguesa III	189	TP43/PL20/OT21
	Educação postural e atividade profissional	135	T21/TP24/OT15
	Expressão dramática	135	TP30/PL15/OT15
	Linguística da língua gestual portuguesa II	108	T20/TC16/OT12
	Teoria e prática da tradução e interpretação III	189	T20/TP23/PL20/OT21

	Língua gestual portuguesa IV	189	TP20/PL16/OT12
	Intervenção em contextos profissionais I	135	S15/E30/OT15
	Língua e comunicação profissional	135	T10/TP25/S10/OT15
	Antropologia cultural	135	T25/TP10/TC10/OT15
	História das media	135	T10/TP10/TC25/OT15
	Evolução das ideias em ciência	135	T14/TP24/S7/OT15
	Sociologia da cultura e interculturalidade	135	T10/TP25/S10/OT15
3º	Economia gestão e empreendedorismo	135	T30/TP15/OT15
	Linguística comparada	108	T20/TP16/OT12
	Teoria e prática da tradução e interpretação IV	135	T15/TP15/PL15/OT15
	Língua gestual portuguesa V	162	TP30/PL24/OT18
	Intervenção em contextos profissionais II	108	S12/E24/OT12
	Audição, visão e surdez	108	S36/OT12
	Ética e deontologia profissional	108	T30/TP15/OT15
	Teoria e prática da tradução e interpretação V	135	T15/TP15/PL15/OT15
	Língua gestual portuguesa VI	135	TP25/PL20/OT15
	Comunicação e património literário	135	T20/TP15/TC10/OT15
	Língua estrangeira II	135	TP45/OT15
	Intervenção em contextos profissionais III	108	S12/E24/OT12
	Seminário de projeto	108	S36/OT12
	Carteira de competências – UC de unidades livres	135	TP9/S12/OT39

Legenda: Ensino teórico (T); Ensino teórico-prático (TP); Ensino prático e laboratorial (PL);

Trabalho de campo (TC); Seminário (S); Estágio (E); Orientação tutorial (OT); Outra (O).

ANEXO XV
Plano de Estudos da Licenciatura em TILGP da ESE do IPP
em vigor em 2011

Quadro 28 – Plano de estudos do curso de TILGP na ESE do IPP em vigor em 2011

Ano	Unidades Curriculares	Total de horas	Contacto
1º	Língua e cultura portuguesa	140	TP60
	Língua gestual portuguesa I	140	TP60
	Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem I	84	TP30
	Psicossociologia da comunidade surda	140	TP52.5
	Deficiência auditiva I	84	TP30
	Modelos organizativos em educação especial	140	TP52.5
	Tecnologias da informação e da comunicação	84	TP30
	Língua gestual portuguesa II	140	TP22.5/PL30
	Teoria e prática da tradução e interpretação em língua gestual portuguesa I	140	TP52.5
	Linguagem e cognição	140	TP52.5
	Linguística descritiva portuguesa	140	TP52.5
	Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem II	84	TP30
	Deficiência auditiva II	112	TP45
	Observação e intervenção educacional em contextos sociais e educativos I	84	TP20/E10
	2º	Língua gestual portuguesa III	196
Teoria e prática da tradução e interpretação da língua gestual portuguesa II		252	TP30/PL60
Linguística da língua gestual portuguesa I		84	TP30
Princípios e práticas do processo de ensino-aprendizagem I		84	TP30
Metodologias da investigação		112	TP45

	Observação e intervenção educacional em contextos sociais e educativos II	112	TP30/E30
	Língua gestual portuguesa IV	196	TP30/PL45
	Teoria e prática da tradução e interpretação em língua gestual portuguesa III	252	TP30/PL60
	Linguística da língua gestual II	84	TP30
	Observação e intervenção educacional em contextos sociais e educativos III	112	TP30/E30
	Família e o indivíduo surdo	112	TP45
	Princípios e práticas do processo de ensino-aprendizagem II		TP30
3º	Língua gestual portuguesa V	112	PL45
	Teoria e prática da tradução e interpretação em língua gestual portuguesa IV	112	PL45
	Observação e intervenção educacional em contextos sociais e educativos IV	364	E150/TP15/OT5
	Perturbações específicas do desenvolvimento	84	TP30
	Ética e deontologia	84	TP30
	Expressão dramática (opção)	84	TP30
	Língua estrangeira (opção)	84	TP30
	Neuropsicologia (opção)	84	TP30
	Direito e instituições internacionais (opção)	84	TP30
	Seminário	84	S30
	Seminário II	112	TP45
	Teoria e prática da tradução e interpretação em língua gestual portuguesa VI	112	PL45
	Língua gestual portuguesa VI	112	PL45
Estágio	532	E195/OT10	

Legenda: Ensino teórico (T); Ensino teórico-prático (TP); Ensino prático e laboratorial (PL);

Trabalho de campo (TC); Seminário (S); Estágio (E); Orientação tutorial (OT); Outra (O).

ANEXO XVI
Plano de Estudos da Licenciatura em LGP da ESE do IPC em
vigor em 2011

Quadro 29 – Plano de estudos do curso de LGP: ramo da interpretação na ESE do IPC em vigor em 2011

Ano	Unidades Curriculares	Total de horas	Contacto
1º	Língua gestual portuguesa I	336	TP103
	Introdução à linguística geral e portuguesa	168	TP64
	Língua portuguesa I	168	TP51
	Opção I/II: formação geral e transversal	168	---
	Língua gestual portuguesa II	336	TP77/PL26
	Sociedade, cultura e identidade surda	84	TP26
	Surdez e comunicação	84	TP26
	Ética e deontologia profissional do intérprete de LG	84	TP26
	Codificação e representação gráfica da LGP	84	TP4/PL22
	Opção I/II: formação geral e transversal	168	---
2º	Língua gestual portuguesa III	420	TP103/PL26
	Linguística da língua gestual portuguesa I	84	TP26
	Língua portuguesa II	84	TP26
	Teoria e prática da tradução e interpretação da LGP	84	TP39
	Opção V/VI: formação geral e transversal	168	---
	Língua gestual portuguesa IV	420	TP86/PL43
	Técnicas de expressão escrita	84	TP39
	Interpretação para LGP I	168	TP51
	Interpretação para voz I	168	TP51
	3º	Língua gestual portuguesa V	420
Linguística da língua gestual portuguesa II		84	TP39
Cultura dos surdos		84	TP26
Interpretação para LGP II		168	TP26/PL25
Interpretação para voz II		168	TP26/PL25

Estágio	840	E375/S60
---------	-----	----------

Legenda: Ensino teórico (T); Ensino teórico-prático (TP); Ensino prático e laboratorial (PL); Trabalho de campo (TC); Seminário (S); Estágio (E); Orientação tutorial (OT); Outra (O).

Quadro 30 – Plano de estudos do curso de TILGP: ramo da lecionação na ESE do IPC em vigor em 2011

Ano	Unidades Curriculares	Total de horas	Contacto
1º	Língua gestual portuguesa I	336	TP103
	Introdução à linguística geral e portuguesa	168	TP64
	Língua portuguesa I	168	TP51
	Opção I/II: formação geral e transversal	168	---
	Língua gestual portuguesa II	336	TP77/PL26
	Psicologia da Educação	84	TP39
	Sociedade, cultura e identidade surda	84	TP26
	Surdez e comunicação	84	TP26
	Codificação e representação gráfica da LGP	84	TP4/PL22
	Opção I/II: formação geral e transversal	168	---
2º	Língua gestual portuguesa III	420	TP103/PL26
	Linguística da língua gestual portuguesa I	84	TP26
	Língua portuguesa II	84	TP26
	Currículo e formação	84	TP39
	Opção V/VI: formação geral e transversal	168	
	Língua gestual portuguesa IV	420	TP86/PL43
	Técnicas de expressão escrita	84	TP39
	Tecnologia educativa	84	TP26
	Didática do ensino da LGP I	84	TP26
	Necessidades educativas especiais	84	TP26
	Intervenção precoce em problemas de comunicação	84	TP26

3º	Língua gestual portuguesa V	420	TP52/PL51
	Linguística da língua gestual portuguesa II	84	TP39
	Didática do ensino de língua gestual portuguesa II	252	TP77
	Cultura dos surdos	84	TP26
	Workshop	84	TP26
	Estágio	840	E375/S60

Legenda: Ensino teórico (T); Ensino teórico-prático (TP); Ensino prático e laboratorial (PL); Trabalho de campo (TC); Seminário (S); Estágio (E); Orientação tutorial (OT); Outra (O).